



Director literario:

Arcebispo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

OS
BO
NE
COS
por



MA
RIA
E
MI
LIA

DESENHO DE EDUARDO MALTA

OS bonecos teem alma...
teem alma e coração.
palpitam, sentem e sofrem
teem vida, animação...

Eu passo horas a olhá-los
em silêncio, longamente,
apertando-os nos meus braços,
de mansinho, ternamente...

Outras vezes... — quantas, quantas! —
com êles falo em segrêdo,
digo-lhes tudo o que penso
muito baixo, quási a médo...

E êles ouvem-me—eu bem sei,—
atentos, maravilhados,
fitando em mim, com assombro,
os seus olhitos pintados...

Eles sentem-me e entendem-me,
entendem como ninguém;
se estou alegre... sorriem,
se choro... choram também...

Os bonecos... os bonecos...
teem alma como nós,
palpitam, sentem e sofrem,
Sómente lhes falta a voz!

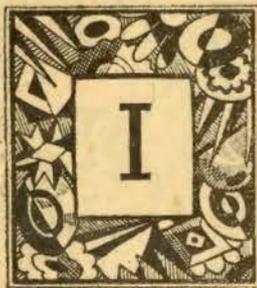


JOÃOZINHO

(CONCLUSÃO)

Por MARIA ROSA RÉSÉDÁ

Desenhos de EDUARDO MALTA



IMEDIATAMENTE apareceu o Pai Natal, um velho muito velhinho de longas e alvas barbas, tão compridas que lhe chegavam aos pés. Trazia na mão um grande tronco de pinheiro e o capuz vinha repleto de brinquedos. Lindos anjos de azas de neve ajudaram o Pai Natal a encher a árvore de brinquedos, doces e luzes. Voavam de um lado para o outro, numa grande azáfama, muito contentes, com a agradável surpresa

que estavam preparando ao Joãozinho. Nossa Senhora e S. José, assistiam, sorrindo, e contemplavam, cheios de ternura, o Menino Jesus. Estava, emfim, tudo preparado! Joãozinho mexeu-se, principiava a despertar. Então os anjos e o Pai Natal desapareceram e o Menino Jesus deitando-se de novo nas palhinhas, ficou outra vez sendo o Menino Jesus de louça. Joãozinho estendeu os braços e as pernas, espreguiçou-se e, por fim, abriu os olhos, mas fechou-os logo muito depressa porque não pudera suportar a intensa iluminação da árvore do Natal que lhe ferira a vista. E quando pôde habituar os olhos aquelas luzes, quando viu na sua frente a árvore de Natal, carregadinha de brinquedos e doces, cuidou que estava sonhando. Esfregou os olhos repetidas vezes e, ao certificar-se que o que julgára sonho era a realidade, soltou um grito de alegria, grito que se repercutiu no coração da Virgem Mãe que, do alto do presépe, lhe sorria feliz e contente. Joãozinho não cabia em si de contentamento. Andava de roda da árvore, pulando, saltando, batendo as palmas de alegria, custando-lhe ainda a acreditar que aquilo tudo fôsse verdade. Todos os brinquedos que vira na montra e que tanto cobiçara ali se encontravam dispostos artisticamente na árvore. Lá estava a «camionette», tão desejada, que Joãozinho tirou febrilmente dum galho do pinheiro, deu-lhe corda, fingiu que lhe deitava gasolina, etc.

Riu às gargalhadas com as habilidades grotescas de um engraçado palhaço. Formou um batalhão de soldados

de chumbo e, pondo uns em frente dos outros, simulou uma batalha em que ele era o comandante. E, assim sucessivamente, foi despejando a árvore, rodeando-se de brinquedos. Eram tantos e tão variados que, se perguntassem ao Joãozinho qual deles preferia, ele não saberia responder pois tão depressa lhe parecia que gostava duns como de outros. Mas Joãozinho não gostava só de brinquedos, também apreciava os doces, era guloso como o são, no geral, todas as crianças. Foi buscar à árvore uma caixa recheada de apetitosas trouxas de ovos e meteu logo uma inteira na boca. Ai, que delícia! Que bom que era!...

Dé repente lembrou-se que o Menino Jesus também gostaria de brincar com ele e de comer tão belos bolos. Sem largar as trouxas de ovos, agarrou na «camionette» e no palhaço e foi pô-los no presépe ao pé do Menino Jesus. Depois chegou a vez a uma bola de muitas cores, a um automóvel de corridas, aos soldados de chumbo, emfim, Joãozinho só parou de acatreçar os brinquedos quando viu que o presepe estava cheio deles. Então, como da primeira vez chamou devagarinho:

— Menino Jesus... Menino Jesus... anda brincar comigo... vem ver que brinquedos tão lindos tenho...

E o Menino Jesus parecendo que só esperava por aquele chamamento, sentou-se sobre as palhinhas e sorriu meigamente para Joãozinho.

— Aqui estou Joãozinho, vamos então brincar!

— Ah! eu bem sabia que tu não deixarias de me responder! exclamou Joãozinho radiante de contentamento. O senhor Prior queria enganar-me quando me dizia que não

habitavas na terra, mas deixa estar que hei-de ralhar com ele.

— O senhor prior, não costuma enganar ninguém, Joãozinho; o senhor prior disse-te a verdade. Eu não habito na terra, vivo sempre no Céu. Mas às vezes, como agora succedeu, venho a este mundo, visitar os meninos que são bons e que tanto desejo teem de me ver. Mas hoje não estou nada contente contigo, Joãozinho, sinto-me mesmo muito triste por tua causa. Praticáste duas acções muito feias e a tua consciência bem te acusa. Mentiste à ti' Zefa e roubaste dinheiro à ti' Engrácia. Sim, porque quem gasta dinheiro que lhe não pertence, comete um roubo.



“PAU PRETO”



O criadito Pau-Preto,
Negrinho muito negrão,
Vestia sempre de preto
Ao gosto do seu patrão.

Com Pau-Preto no jardim,
Aos pulos, saltos, corridas,
Juca, Tuneca e Quim-Quim
Jogavam às escondidas.



Como um gato apanha um rato,
Então, sem trabalho algum,
Logo o pretinho, gaiato,
Conseguia apanhar um!.

Porém cabe agora a vez
De se esconder o negrito;
E no coito os outros três
Aguardam seu grande grito.

ESCONDIDO



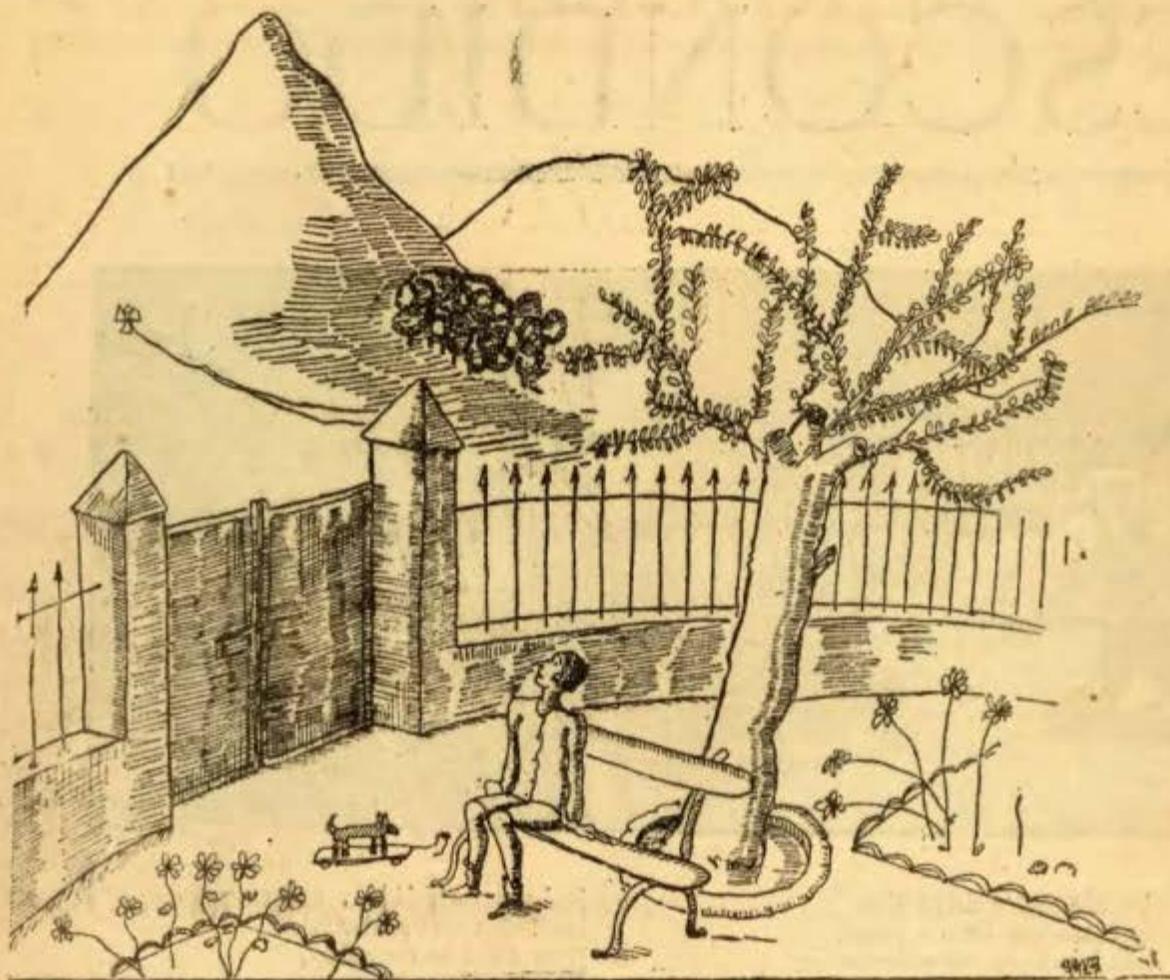
De alma sã e corpo rijo,
Corriam por Séca e Méca,
Em busca de um esconderijo
O Quim-Quim, Juca e Tuneca.

Mal um: — hi-já!... ecoava,
De todos êles a alvura
Bem clara se desenhava
No meio da noite escura.



Emtanto, o mais divertido
E' que, até sem se esconder,
Pau-Preto fica escondido,
Como os meninos vão ver...

Fecha os olhos, fecha a bôca;
Negro como a noite escura,
Assim já ninguém o coca,
Por muito que ande à procura!



A morte do "Quim"

Por Olavo de Eça Leal

:: Ilustração do autor ::

LEVARAM-NO para ali,
 Para ver se melhorava
 Duma teimosa doença:
 Mas êle já nem sorri,
 E às vezes até chorava
 Com uma tristeza imensa.

O portão é tão pesado!

Insistiu inutilmente
 Que o deixassem passear...
 E o portão sempre fechado,
 A pesar-lhe, horrivelmente,
 No peito fraco, sem ar!...

Sòzinho no seu quintal,
 Enfraquecido e doente,
 Entretem-se, como pode,
 Ali no fundo do val',
 Olhando constantemente,
 Sem que nada o incomode,

Para o alto da montanha,
 Tão fino que até parece
 Um alfinete aguçado,
 Que as nùvens do céu arranha!
 — De quando em quando adormece
 Por muito já ter sonhado...

Quiz saber, anciosamente,
 O que havia além do monte,
 Tão alto de meter medo.
 — Preguntou a toda a gente!
 Até perguntou à fonte
 Que não disse o seu segrêdo.

Mas cansado de sofrer,
 Porque há muito se morria...
 — Não sei se o resto vos conte...
 Eu só vos posso dizer
 Que êle soube, nêsse dia,
 O que havia além do monte... —

A BORBOLETA AZUL

POR BEATRIZ ESTER RAPOSO SILVA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

NUM formoso país reinavam um rei e uma rainha, que tinham muitos filhos e uma filha muito linda e bondosa.

Quando alguém se via aflito, recorria à sua protecção e era prontamente socorrido. Por isso era adorada pelo povo de toda a nação que quasi a considerava uma santa.

Como a gentil princezinha tinha os olhos azuis da cor das pétalas dos miosótis o rei tinha-lhe pôsto o nome daquela graciosa florinha.

Mas no dia do baptizado, uma fada appareceu ao rei e disse-lhe: — «Visto teres dado a tua filha o nome duma flor, terás de ter sempre essa flor nos canteiros do teu jardim. Porém, aviso-te duma coisa; não consintas que ninguém a colha porque isso pode causar muito mal à princeza.» Assim que a fada desapareceu o rei mandou chamar o jardineiro do palácio e disse-lhe: — «Ordeno que no jardim haja sempre miosótis, e proíbo expressamente, sob pena de morte, que alguém os colha.» O jardineiro, fiel cumpridor dos seus deveres, cumpriu sempre as ordens do seu soberano, tratando cuidadosamente dos miosótis e exercendo sobre elles uma rigorosa vigilância, mas o rei é que poucos mezes depois já se não lembrava do que a fada lhe dissera e nunca o revelou a pessoa alguma!

Nos arredores da cidade onde vivia o rei, havia uma gruta misteriosa da qual ninguém ousava aproximar-se.

Dizia-se que era habitada por uma princeza moura, en-



cantada por uma feiticeira má, e muita gente affirmava que altas horas da noite se ouviam sair de lá gemidos angustiosos. A bondosa princezinha Miosote todas as vezes que isto ouvia contar sentia confranger-se-lhe o coração com dó da pobre moura encantada.

Um dia em que Miosote regressava sòzinha dum passeio pelo parque do palácio, ao atravessar o jardim, viu num

canteiro um lindo tronquinho de miosótis e, como ignorava o que a fada tinha dito no dia do seu baptizado, colheu-o. Mas, no mesmo instante, achou-se metamorfoseada numa borboleta azul, da cor das pétalas dos miosótis, e que ao voar desprendia scentelhas de ouro. A borboleta azul via e ouvia tudo o que se passava em volta dela mas não podia falar, e foi assim que viu apparecer diãnte de si uma gra-



ciosa fada que lhe disse: — «Princeza Miosote, tens já dezoito anos e teu pai nunca te contou o que eu lhe disse, no dia do teu baptizado. Creio mesmo que, entretido com os seus sonhos de glória, se esqueceu das minhas palavras, e é por isso que hoje ficaste encantada, mas, como tens sido sempre muito bondosa, creio bem que o teu encanto não será eterno, porque não mereces tal castigo.» A borboleta azul, depois da fada ter acabado de falar, ergueu vôo e foi pousar numa árvore onde passou o resto do dia e a noite seguinte. Mas o frio era muito e o vento fazia tremer as suas frágeis azinhas!

E a pobre princezinha, habituada ao conforto do seu palácio, chorou amargamente, lembrando-se dos pobrezinhos, daquêles que no inverno não teem uma manta para se agasalharem, nem lume no lar, e também da moura encantada há tantos anos e que talvez inda soffresse mais do que ela soffria.

Quando amanheceu, foi, pelos campos fóra, voando de árvore em árvore e de flor em flor, desprendendo scentelhas de ouro das suas azas de formoso azul, e, quando passava debaixo das árvores, os passarinhos deitavam as cabecitas de fora dos ninhos e murmuravam extasiados: «Como é linda!»

Ao anoitecer viu que se encontrava ao pé da gruta misteriosa, de que tanto tinha ouvido falar. Um vago sentimento de terror se apoderou dela, mas apenas ali havia uma árvore mesmo encostada à gruta, e onde a borboleta azul teve de pousar vencida pelo cansaço.

CONTINUA NO
PRÓXIMO N.º
" " MERO " "

Bé
bé
pa
p
a



sò
zi
n
h
o

Por GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

VÁ... Então?
Anda comer,
Bébé!
Agarra na colher.
assim... com esta mão.

... Assim...
Olha p'ra mim;
não choramingues,
vê,
||Então tu estás tirando o guardanapo?!!
... Ai que sopapo! ..
Não te pingues,
Bébé!

Abre a boquinha...
mais!...
Olha que vais,
assim,
sujar essa golinha
de setim...

≡ Vá,

Só mais uma colher...
... Olha o Papá...
Olha o Papá
a ver!...

— Já papou tudo? Já?
Limpe a boquinha...
vá;
agora veja lá
se cai da cadeirinha!

— Toma bolinhos,
e bombons
dos bons...
Vá, chupa...
— Dá-me os bracinhos...
... Upa!

— E agora, meu amor,
tu és um homemzinho!
Um Senhor... um Senhor
que papa já sozinho... »